

Dívida: não houve surpresa.

A saída de Fernando Milliet não surpreendeu os credores externos, que já a esperavam desde que Bresser Pereira deixou o Ministério da Fazenda, no final do ano passado. Os credores, especialmente os governos, demonstraram preocupação é com a derrota do ministro da Fazenda no episódio do congelamento da URP e com a vacilação demonstrada pelo presidente, que voltou atrás após tomar conhecimento das reações dos chefes militares. E a preocupação da área econômica é muito mais com as dificuldades que o ministro Maílson da Nóbrega vem enfrentando para convencer o presidente a aceitar as medidas ortodoxas, do que propriamente com as alterações na equipe.

A troca de comando no Banco Central não deverá alterar o roteiro das negociações em torno do programa de refinanciamento da dívida externa, cujos pontos principais, a partir de agora, iriam ser mesmo negociados pelo diretor da Dívida Externa do BC, Antônio de Pádua Seixas. A única alteração prevista é a entrada em cena, de forma mais intensiva, do chefe da Assessoria Internacional do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral. Mas também essa mudança já estava decidida antes.

Há, em relação ao refinanciamento dos juros, apenas um problema pendente, cuja negociação continuará, e diz respeito ao pagamento dos juros correspondentes aos meses de abril, maio e junho. Isso dependerá da concessão de um empréstimo-ponte pelos bancos, no montante de US\$ 1,8 bilhão. As condições estão pendentes de definição.

Quanto à rolagem do principal, duas questões ainda estão pendentes e deverão centralizar as atenções dos negociadores: a forma de execução do *relending* (reemprestímo dos recursos em cruzados depositados no Banco Central) e o *down payment*, ou pagamento de parcelas simbólicas do principal, durante o período de vigência do prazo de carência.

Negociador

Quem ficará mesmo com a responsabilidade das negociações será o atual diretor da Dívida Externa do BC, Antônio de Pádua Seixas, que teve seu nome confirmado ontem pelo ministro Maílson da Nóbrega. Seixas informou que viaja para Nova York hoje à noite, após a posse do novo presidente do BC, Elmo Araújo Camões.

"O acordo deverá estar concluído até o final do mês", disse Seixas, explicando que para a assinatura final falta arrematar alguns pontos que ainda necessitam definição, como as linhas de curto prazo, por exemplo. Ele será assessorado pelo conselheiro Sérgio Amaral, que já vinha tomando parte no processo de negociações.

Seixas já é conhecido há muito tempo como interlocutor pelos credores, aos quais foi apresentado pessoalmente por Fernão Bracher, então presidente do Banco Central, no começo de dezembro de 1985. Em abril de 1987, na gestão de Francisco Gross, ele chegou a ter dois pedidos de demissão retidos pelo presidente do Banco Central, sob o argumento de que o ministro Funaro necessitava sua colaboração. Seixas estava muito magoado com Gross e Funaro, porque, dias após a moratória, viajara a Nova York para conversar com os banqueiros e, ao chegar, foi surpreendido pelo telex do BC, suspendendo o pagamento das dívidas de curto prazo. Ele teve o desconforto de ler o telex na agência do Banco do Brasil em Nova York, constatando que seu nome estava entre os que assinaram o documento, apesar de não ter sido informado da decisão. Nesse dia, Seixas decidiu que não ficaria no BC em hipótese alguma. Desde então, muitas águas rolaram e ele volta aos EUA como o principal interlocutor dos credores do Brasil.